

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 15 / 2021



2021

Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEX) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – María Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García: secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad Autónoma de Madrid)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL.15 – Año 2021

Caminhos do lirismo contemporâneo na Península Ibérica

Coordinación
Sérgio Guimarães de Sousa



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 15 – 2021

Caminhos do lirismo contemporâneo na Península Ibérica

SUMARIO / SUMÁRIO

Sérgio Guimarães de Sousa – Prefácio	9-11
Pedro Eiras – De um tom apocalíptico adoptado recentemente na poesia portuguesa	13-27
José Cândido de Oliveira Martins – Tempo cíclico na poesia de Movimento, de João Luís Barreto Guimarães	29-52
Maria Graciete Besse – Caminhos do contemporâneo: a experiência da paisagem na poesia de Manuel Silva-Terra	53-76
Leonor Martins Coelho – <i>O Amoroso</i> de José Viale Motinho: poesia da vertigem e da erotização	77-92
Pablo Núñez Díaz – Poesía española contemporánea en Portugal: las antologías de José Bento y Joaquim Manuel Magalhães	93-116

Testemunhos

Ana Luísa Amaral – Uma navegação por dentro para contactar com o mundo	119-128
Antonio Saez Delgado – Antonio Sáez Delgado: habitar o “entre deux”	129-137
Enrique García Fuentes – La presencia de poetas portugueses en las Aulas Literarias en Extremadura	139-143

Varia

Gil Clemente Teixeira – Não morrerá sem poetas a língua em que cantaste: encontros com Camões na épica portuguesa dos séculos XVII e XVIII	147-165
Miguel Filipe Mochila – Eugénio de Castro, <i>el raro</i>	167-196
Alberto Castellana – Giovanni Verga in Portogallo	197-213
Diego J. González Martín – <i>Manual de pintura e caligrafía</i> . Algo mas que un ejercicio de autobiografía.	215-227

Maria de Fátima Marinho – Fernando Campos: o prestidigitador incorrigível	229-245
Enrique Pérez Sánchez – Geografia e património ao serviço do ensino. Uma reflexão teórico-prática acerca da cultura na didática de LE	247-276

Reseñas / Recensões

Xosé Manuel Dasilva – <i>Obras Completas de Luiz Vaz de Camões. II. Lírica</i> , Silveira, E-Primatur, 2019, 503 pp. Organização, introdução, notas Maria Vitalina Leal de Matos.	279-283
Xosé Manuel Dasilva – Nuno Júdice, <i>Camões – Por Cantos Nunca Dantes Navegados</i> , Lisboa, Sibila Publicações, 2019, 127 pp.	283-287
Guillermo Vidal Fonseca – Pablo Sánchez Vidal, <i>Os idiomas do estado español. Un enfoque sociolingüístico</i> . Anexo 77 de <i>Verba</i> . Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2018, ISBN: 9788416954834, 335 pp.	288-293
José Vieira – Rui Lage, <i>O Invisível</i> , Gradiva, 2018, 281 pp.	294-296
Maria Luísa Leal – Isabel Caetano Leiria, <i>Suportes para pó</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2021, 99 pp.	297-301
José Cândido de Oliveira Martins – Francisco de Sá de Miranda, <i>Obra Completa</i> , Lisboa, Assírio & Alvim, 2021 (introdução, fixação do texto e notas de Sérgio Guimarães de Sousa, João Paulo Braga e Luciana Braga), 679 pp.	301-304
Normas de publicación / Normas de publicação	305-309

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 15 – 2021

Paths of contemporary lyricism in the Iberian Peninsula

SUMMARY

Sérgio Guimarães de Sousa – Preface	9-11
Pedro Eiras – Of an apocalyptic tone recently adopted in Portuguese poetry	13-27
José Cândido de Oliveira Martins – Cyclical time in <i>Movimento's</i> poetry by João Luís Barreto Guimarães	29-52
Maria Graciete Besse – Contemporary paths: the experience of landscape in the poetry of Manuel Silva-Terra	53-76
Leonor Martins Coelho – <i>O Amoroso</i> by José Viale Moutinho: poetry of rapture and eroticization	77-92
Pablo Núñez Díaz – Contemporary Spanish poetry in Portugal: the anthologies of José Bento and Joaquim Manuel Magalhães	93-116

Reflections

Ana Luísa Amaral – A navigation inside to contact with the world	119-128
Antonio Saez Delgado – Antonio Sáez Delgado: living in the “entre deux”	129-137
Enrique García Fuentes – The presence of Portuguese poets in Extremadura’s literary master classes	139-143

Varia

Gil Clemente Teixeira – The language in which you sang will not die without poets: encounters with Camões in the portuguese epic of the 17th and 18th centuries	147-165
Miguel Filipe Mochila – Eugénio de Castro, the rare one	167-196
Alberto Castellana – Giovanni Verga in Portugal	197-213
Diego J. González Martín – <i>Manual de pintura e caligrafia</i> : Something more than an autobiography exercise	215-227

Maria de Fátima Marinho – Fernando Campos: incorrigible prestidigitator	229-245
Enrique Pérez Sánchez – Geography and heritage at the service of education. A theoretical-practical reflection on culture in the teaching of FL	247-276

Book Reviews

Xosé Manuel Dasilva – <i>Obras Completas de Luiz Vaz de Camões. II. Lírica</i> , Silveira, E-Primatur, 2019, 503 pp. Organização, introdução, notas Maria Vitalina Leal de Matos.	279-283
Xosé Manuel Dasilva – Nuno Júdice, <i>Camões – Por Cantos Nunca Dantes Navegados</i> , Lisboa, Sibila Publicações, 2019, 127 pp.	283-287
Guillermo Vidal Fonseca – Pablo Sánchez Vidal, “Os idiomas do estado español. Un enfoque sociolinguístico”. Anexo 77 de <i>Verba</i> . Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2018, ISBN: 9788416954834, 335 pp.	288-293
José Vieira – Rui Lage, <i>O Invisível</i> , Gradiva, 2018, 281 pp.	294-296
Maria Luísa Leal - Isabel Caetano Leiria, <i>Suportes para pó</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2021, 99 pp.	297-301
José Cândido de Oliveira Martins – Francisco de Sá de Miranda, <i>Obra Completa</i> , Lisboa, Assírio & Alvim, 2021 (introdução, fixação do texto e notas de Sérgio Guimarães de Sousa, João Paulo Braga e Luciana Braga), 679 pp.	301-304
Standards of publication	305-309

Ana Luísa Amaral: uma navegação por dentro para contactar com o mundo

Ana Luísa Amaral: a navigation inside to contact with the world

Ana Luísa Amaral
Escritora
aamaral@letras.up.pt

Nascida em Lisboa em 1956, morou desde criança no norte de Portugal, em Leça da Palmeira. Nas várias facetas de uma vida dedicada à literatura, Ana Luísa Amaral tem sido académica, escritora e tradutora, empenhada também em divulgar e defender a necessária presença da literatura nos tempos que correm.

Como académica, foi professora de Literatura e Cultura Inglesa e Americana na Faculdade de Letras da Universidade do Porto até se aposentar. Como investigadora, as suas áreas de pesquisa foram a Literatura Inglesa e Norte-Americana, os Estudos Feministas e Queer, para além da Literatura Comparada.

A publicação dos primeiros livros de poesia acontece em 1990, com o poemário *Minha senhora de Quê*. Hoje a sua produção literária abrange dezanove títulos, aos quais se juntam um romance e vários livros de literatura infantil.

Como tradutora, Ana Luísa Amaral verteu para português, entre outros, autores de língua inglesa como William Shakespeare, Emily Dickinson, John Upfike ou Louise Glück, esta última prémio Nobel de Literatura em 2020.

O reconhecimento internacional vem-lhe através das traduções da sua poesia para inglês, francês, italiano, espanhol... Traduções publicadas em diversos cantos do mundo (dos EUA a Hong Kong, do Brasil, México ou Colômbia ao Reino Unido, Suécia ou Eslovénia). Quinze prémios literários confirmam claramente a relevância da voz poética de Ana Luísa Amaral no panorama da poesia contemporânea e não apenas no âmbito cultural português ou lusófono, num arco que vai do Prémio Correntes d'Escrita, em 2007, até ao mais recente, o XXX Prémio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana em 2021.

María Jesús Fernández: Será difícil encontrar um caminho inexplorado nesta conversa, visto ser a Ana Luísa Amaral uma autora cuja poesia tem sido objeto de estudo no meio académico em vários artigos e teses, para além das páginas que lhe dedicam as revistas literárias e a imprensa em geral. Mas, pergunto: Ana Luisa Ribeiro Barata do Amaral é a pessoa histórica e Ana Luísa Amaral é a poeta? Haverá entre elas alguma distância ou são indivisíveis, ambas mulheres e portuguesas que habitam o trânsito do século XX para o século XXI?

Ana Luísa Amaral: Cada um de nós é um poliedro. Somos poliédricos. Eu própria sou mãe, sou cidadã e sou uma voz poética, enquanto poeta. No entanto, há uma distância entre quem fala e o poema. O poema é uma forma de vida. Um viver por dentro, uma navegação por dentro para contactar com o mundo, não com o mundo físico. Mesmo aceitando que há fingimento, como dizia Pessoa, a vida não se afasta. A poesia passa pela emoção. Enquanto poeta, acho que há uma distância entre o “eu” que fala o poema e o “eu” que fala a vida. Mas o poema é também um determinado tipo de vida. Por isso, Fernando Pessoa dizia “navegar é preciso, viver não é preciso”. O conselho que dou muitas vezes a jovens poetas que me escrevem e querem publicar a sua obra é que esperem, vivam primeiro. Ora, viver não significa viajar, necessariamente. Quando Fernando Pessoa fala em navegar, a navegação pode ser por dentro. Emily Dickinson, a poeta norte-americana que tanto amo e que traduzi, nunca saiu de Amherst, Massachusetts e, todavia, escreveu os poemas mais extraordinários que nós conhecemos. Nunca saiu de lá, mas viveu por dentro. Viver por dentro é também ler, é contactar naturalmente com o mundo, mas esse contacto com o mundo não tem de ser um contacto físico expandido. Eu não tenho de viajar para a China ou para o Japão para poder ter experiência para a minha escrita. A minha escrita sai de mim naturalmente porque a mão que escreve pertence a um braço e o braço pertence a um corpo e o corpo sou eu. O corpo tem um cérebro e não posso separar as duas coisas.

Acho que a fórmula de Pessoa que é, como sabemos, “o Poeta é um fingidor”, é certa e a poesia sempre soube disso, os poetas foram sempre fingidores, não só no Modernismo. A poesia é sempre fingimento, mas fingir não é mentir, há uma diferença grande entre a mentira e o fingimento. Por isso é que eu digo que a vida nunca se afasta totalmente da poesia. Eu era incapaz de escrever um poema a elogiar o racismo, o sexismo, a extrema-direita, o nazismo, o nacionalismo exacerbado, porque não sinto isso. Tenho de sentir. E sentir passa pela emoção e

passa pelo corpo. Quando Emily Dickinson, mais uma vez, diz “Se leio o livro, ele torna o meu corpo tão frio que fogo nenhum o pode aquecer” sei que isso é poesia. Essa dimensão sensorial do corpo, da emoção... está tudo junto, tudo ligado. Por isso é que digo que a minha parte de cidadania não está nunca completamente afastada da poesia. Vai sair para o ano, aí em Espanha, *Ágora*, que é um livro com imagens, todos os poemas dialogam com imagens. Aí, há um poema, “Mulher adúltera”, que termina dizendo: “as pedras, que não morrem,/ mas possuem o poder de/ matar / mulheres/ ainda hoje”. Nós sabemos que ainda há mulheres apedrejadas no mundo.

Isto tem a ver com aquilo que sinto e com aquilo que sou, enquanto pessoa histórica. Quando escrevo um poema (primeiro livro) como “A minha filha partiu uma tigela na cozinha”, a minha filha nunca partiu nenhuma tigela na cozinha. Mas fez outras coisas, partiu pratos, não interessa, o que interessa é o rasto da verdade, o rasto do amor. A verdade está lá porque o amor está lá. E fingimento, também, porque a tigela serviu-me... Acho que isso é a diferença entre a mentira e o fingimento.

Maria Jesús Fernández: Já foi frequentemente sublinhado como traço da poesia de Ana Luísa Amaral a projeção de um olhar sobre a realidade que acorda sentidos inesperados, significações metafísicas para factos comuns, vulgares, incluindo os mais corriqueiros. Sempre teve esta atenção para o que a rodeia? Como opera este olhar poético sobre a realidade?

Ana Luísa Amaral: Como faço, não sei, há um lado da criação poética que não sei explicar. Eu não sei dizer como é que a imagem surge. Uma vez, numa entrevista a uma revista brasileira que se chama *Cult*, disse uma coisa que talvez responda um bocadinho à sua pergunta: assim como à nossa volta a música está em todo o lado, os sons estão em todo o lado, só que nós não ouvimos porque não captamos as frequências... O rádio no fundo faz isso, tem a frequência, a gente ajusta e apanha, por exemplo, a Antena 2, com música clássica, o noticiário... Mas os sons estão aí. Eu acho que a poesia faz isso, ou seja, é como se fosse possível, de uma forma muito misteriosa, porque não sei como é que isto acontece, mas é como se fosse possível rodar o botão e de repente apanhar aquela frequência e ver aquela imagem. De repente a formiga entra, eu olho para a formiga – e quem diz a formiga, diz as coisas pequeninas, as coisas do dia-a-dia, as coisas vulgares – e acho que tudo é “poetável”, tudo pode ser posto em poesia, porque a poesia pertence

ao mundo. Um dos poetas mais maravilhosos que eu conheço, do século XVII, dos Metafísicos ingleses, é John Donne, que tem poemas absolutamente extraordinários. Um dos poemas mais interessantes é “A pulga”, ele diz que gostava de ser uma pulga porque assim podia percorrer o corpo da amada...

Pergunta-me se sempre tive esta atenção pelo mundo que me rodeia. Sim. Lembro-me de o meu pai, quando eu era criança, me dizer... Eu adorava o meu pai. Íamos passear à noite, por exemplo, olhávamos para o céu e eu tinha receio de cair para cima, tenho até um poema sobre cair para cima. O meu pai dizia-me: “Já viste, minha querida filha, nós somos como aquela mosca que tenta passar o vidro e não percebe que é um vidro, não sabemos nada”. Talvez o reconhecimento de que aquilo que sabemos é muito pouquinho me tenha levado a ter essa atenção por tudo à minha volta, porque acho que o mínimo e o máximo se aproximam, o cósmico e o mais terreno estão próximos. Aliás, se nós observarmos uma célula ao microscópio, ela parece o universo. Então, tudo está próximo, o infinitamente pequeno e até o invisível. Tenho também um poema que diz isso, sobre as mulheres, como o invisível é a maior parte da matéria. É invisível, mas existe, está mais do que provado.

É preciso escutar. Escutar é sentir. Eu acho que os nossos tempos não têm sido tempos muito bonitos para a poesia.

Maria Jesús Fernández: Já uma vez declarou que a poesia não serve para nada e, por isso, é absolutamente fundamental. Uma tal afirmação parece, por um lado, realista se pensarmos na deriva das nossas sociedades a favor de produtos culturais cada vez mais simples, na onda do *light*; mas, por outro, reclama uma resistência à banalização da literatura e das humanidades, em geral. Como perspectiva esta questão da utilidade da poesia?

Ana Luísa Amaral: Temos de fazer uma resistência em relação à banalização da literatura, das humanidades em geral. Essa questão da utilidade da poesia liga-se à questão da utilidade da arte. Era Saint-Exupéry que dizia “É útil porque é belo”. Claro que nós podemos dizer: mas o que é o belo? A poesia não tem que ser bela, pode ser tremenda, pode ser terrível. Eu acho que a poesia tem sempre que sobressaltar. A arte tem que inquietar. E pode inquietar pela beleza, claro. Há duas palavras que já usei num livro de ensaios que são “comoção” e “locomoção”, eu acho que a poesia comove e locomove, faz-nos agir.

A arte tem este poder. Os tempos que correm são tempos de velocidade absolutamente estonteante.

Nós, seres humanos, não mudámos assim tanto. Continuamos a apaixonar-nos e a desapasionar-nos. Continuamos a sentir tristeza, ressentimento... As nossas emoções não mudaram assim tanto. E, de repente, o que é que nós temos? O Facebook, o Twitter, o Instagram, tudo se conjuga de uma forma absolutamente louca e, de facto, os produtos culturais estão na onda do *light*. Aquilo de que falámos, que é escutar... Escutar é sentir. Mas é também dar tempo para isso, a arte precisa de tempo, a poesia precisa de tempo. Por vezes, eu vou para o café – adoro escrever poesia em cafés, mas não pode ter música, o café, nem televisão; o ruído das vozes das pessoas não incomoda nada, isso faz parte do café... Mas o som, nem que seja música clássica, incomoda-me muito. E então escrevo muito em cafés. Mas muitas vezes vou ao café e estou no café uma hora à frente de uma folha e não sai nada, não consigo escrever nada, sabe?

Maria Jesús Fernández: E aceita isso facilmente?

Ana Luísa Amaral: Não, não aceito facilmente, fico muito revoltada, mas o que é certo é que não é quando eu quero. Há dois momentos no poema, no que diz respeito à comunicação. Num primeiro momento, quando se escreve o poema, é para nós que o escrevemos, sempre. “Todo o poema é sobre aquele que sobre ele escreve”. De facto, o poema não é dirigido a ninguém. Não há a preocupação do leitor ou da leitora, quando se está a escrever o poema. Depois do poema estar escrito, da pintura estar acabada, da sinfonia estar terminada, nós, como humanos, precisamos de comunicar. A arte é comunicação nesse segundo momento, sempre. Há outros dois momentos que têm a ver com a escrita do próprio poema. Se há uma escolha por parte do poeta ou da poeta, da melhor palavra, da melhor expressão, se ele ou ela tem alguma possibilidade de escolha, o que é certo é que depois há um momento em que o poema controla o poeta. Isso é muito lindo, é quando de repente surge aquilo a que nós chamamos inspiração, que é uma palavra que está fora de moda, mas que eu continuo a usar, à falta de outra. Até porque inspiração [inspira profundamente] tem a ver com o corpo, tem a ver com respirar, entra qualquer coisa cá para dentro, não sei muito bem o quê, mas entra, não tenho dúvidas. Há um momento de mistério e há outro em que consigo, de alguma maneira, trabalhar o poema, controlar o poema.

Maria Jesús Fernández: A propósito da utilidade da poesia, fiquei muito surpreendida pelo facto de a Ana Luísa Amaral também estar a fazer pedagogia para criar novos leitores. Acha que é necessária uma pedagogia da poesia para criar novos leitores? É este o propósito que orienta o programa de rádio da Antena 2 *O Som que os versos fazem ao abrir?*

Ana Luísa Amaral: Não tive essa intenção inicial, a intenção inicial foi a minha paixão pela poesia. Não havia um programa de em português sobre poesia. Neste programa, escolho um poema e traduzo-o do inglês, do francês, do alemão... Ouve-se sempre o poema no original e depois ouve-se o poema traduzido. Vai sair, na Relógio d'Água, uma antologia que se chama *O som que os versos fazem ao abrir*, que são estes poemas. Sai um poema no original, a tradução e um comentário meu sobre o poema.

Maria Jesús Fernández: “O som que os versos fazem ao abrir” é um verso seu...

Ana Luísa Amaral: Sim, do livro *E todavia*. Sabe, é um decassílabo perfeito. As pessoas adoraram. É um programa que devia durar, em princípio, seis meses, mas já dura há quase quatro anos. Para mim é um prazer enorme saber que as pessoas gostam e isto pode criar novos leitores. Mas surgiu pela minha paixão. As coisas ou se fazem com paixão ou não vale a pena fazê-las.

Maria Jesús Fernández: Para além da poesia, será inevitável referir-se a Ana Luísa Amaral como tradutora e pedir-lhe uma reflexão sobre a interrelação entre as palavras próprias e as do outro.

Ana Luísa Amaral: Como exercício, a tradução é sempre um exercício de criação. Mas mais limitado do que a escrita de um poema. Uma vez ouvi um poeta que traduz dizer algo como ‘o tradutor cria um novo poema’. Não concordo nada com isto, o tradutor não pode criar um novo poema. Se eu estou a traduzir, vamos imaginar, Shakspeare, os sonetos, ou Emily Dickinson, ou Louise Glück, que eu traduzo para português, e se, imaginemos, num poema de Dickinson ela fala em lírios... Agora estou a traduzir um livro muito bonito, que saíu aí em Espanha, inicialmente, chama-se *Herbarium, Antología poética*, “es una cosa bellísima”. Aparecem as traduções em espanhol, depois o herbário, uma reprodução do herbário da Emily Dickinson e depois os poemas em inglês... Se ela fala em “lírio”, por exemplo, eu não posso lá pôr, naturalmente, “margarida”. É claro que, num poema meu, eu posso pôr

margarida, posso pôr dente de leão, posso pôr o que me apetercer porque o poema é meu. Para todos os efeitos, aquele céu é partilhado. Aquele pedaço de céu é partilhado pela poeta ou pelo poeta que escreveu e depois por mim, mas essa partilha, do ponto de vista do sentido, tem que respeitar sempre o sentido inicial do poema. Depois há outra questão absolutamente fundamental para mim que é a música. Na base de toda a poesia está a música. Não é por acaso que a palavra “musa” se liga à poesia. É um tipo de música diferente, não é a música das sinfonias, mas é a musicalidade e acho que o poema na outra versão tem que encontrar a sua própria musicalidade porque a musicalidade da minha língua, da língua portuguesa, é diferente da musicalidade da língua espanhola ou da língua inglesa. Cada língua tem os seus limites e há momentos em que eu não posso transgredir esses limites sob pena de o poema entrar na incomunicabilidade. Então tem que haver um equilíbrio frágil e ao mesmo tempo belo e muito cuidadoso entre o que me vem do outro poeta e a forma como as minhas palavras vão depois tentar, no meu universo português, recriar as palavras do outro poeta. É claro que há uma interrelação sempre. Há um soneto de Shakspeare em que, mais ou menos se diz que nem ele é muito jovem, nem ela é muito jovem, nem ele é muito bonito, nem ela é muito bonita, mas elogiam-se um ao outro e dizem que são jovens. Então acreditam nisso e ele termina dizendo: “Therefore I lie with her and she with me, / And in our faults by lies we flattered be”. Mas o “lie” é uma palavra muito poderosa em inglês, significa “minto” com ela, mas também “deito-me” com ela, vou com ela para a cama. Há aqui um sentido erótico que é muito difícil de pôr em português. Então o que me surgiu, eram quatro horas da manhã, foi isto: “Com ela me deleito mentindo e ela comigo / e ao mentir nossas faltas, em deleite, existimos”. “Deleito”, de leito, de cama. Eu tenho que arranjar uma forma qualquer na minha língua de tentar passar aquele sentido simultaneamente erótico e de alguma forma irónico e pronto, foi assim que ficou.

Maria Jesús Fernández: Não queremos esquecer a literatura infantil. Não pode ser esta considerada uma produção menor ou anedótica no conjunto da sua obra. Para si, qual é a relevância deste tipo de literatura dirigida às crianças e, talvez, aos pais?

Ana Luísa Amaral: É muito engraçado porque a maior parte dos meus livros para crianças são em verso e trabalham todos sobre a questão das diferenças. Tenho a história da aranha Leopoldina que não queria fazer teia, só queria fazer meia, é uma aranha diferente. E no fim ela consegue

fazer meia, realmente. Também é importante que as outras aranhas que querem fazer teia continuem a fazer teia. Foram feitas várias coisas de teatro em torno das minhas coisas infantis. Este último, que é a “Lengalenga de Lena”, a hiena que vivia num telhado e queria voltar para a savana...

Maria Jesús Fernández: Já teve a experiência de saber como é que as crianças reagem?

Ana Luísa Amaral: Sim, o meu primeiro teste foi feito nos Estados Unidos, onde vivi três anos. Em 1990 eu escrevi *Gaspar, o dedo diferente*. Um dia, Rita – é o nome da minha filha – ia a saltar pelo passeio e caiu e o Gaspar foi quem se pôs à frente e protegeu o corpo da Rita. Ficou magoado, a Rita foi para o hospital e o Gaspar foi envolvido em gaze e depois os irmãos do Gaspar (os outros dedos que têm nome, são o Jorginho, etc.) ficam um bocadinho invejosos porque ele tem aquela gaze à volta... Esse foi traduzido para inglês e eu fui à escola da minha filha, nos Estados Unidos, ler *Casper, the different finger*. E, sabe, as crianças não mentem. Isto é maravilhoso. Uma criança, se não gosta, começa a falar com o amigo do lado e não liga nenhuma. As crianças estavam boquiabertas.

A relevância deste tipo de literatura... Para mim, há uma grande escritora de livros para crianças que é a Sophia de Mello Breyner, mas se vir as ilustrações das suas primeiras edições, elas são, por assim dizer, um comentário ao texto. Com a velocidade, com a onda *light*, com isto tudo, nós vivemos num momento em que a literatura para crianças dá mais importância à ilustração do que ao texto. Isto é um erro muito grande. Ou o texto e a ilustração são feitos ao mesmo tempo, ou o ilustrador ou a ilustradora, se não tivesse texto, não havia ilustração. Faz-me muita impressão certos livros para crianças serem tão infantilizados, serem tão despojados até da preocupação de linguagem... E o que interessa é o desenho, a ilustração. Porque num livro para crianças pode-se perfeitamente usar uma palavra mais difícil e se a criança não entender, pergunta aos pais ou à pessoa que está a ler... A curiosidade está no nosso ADN. Há que repensar esta questão da ilustração. Se a imagem se sobrepõe ao texto, deixa de ser literatura, passa a ser imagem.

Tenho um livro que se chama *Como tu*. Fui convidada para escrever uma peça de teatro pelo Teatro do Campo Alegre, uma peça sobre educação sexual. Eu disse “eu não vou falar em pénis nem em vaginas, o Dinis tem penis e a Marina tem vagina”. Eu não falo porque a

educação sexual é a educação para a vida, nós somos seres sexuados e eu vou falar de outras coisas. Ficou uma peça de teatro muito bonita, que depois foi transformada em livro. Inicialmente, a peça chamava-se *Amor aos pedaços*, era um título que eles tinham escolhido e há um dos poemas que a constituem que se chama “Também respiram as casas” e há uma altura em que se diz: “E pode ser que o pai seja diferente, e a mãe seja diferente das mães e pais que tu conheces mais, e pode ser que haja só pai ou mãe na casa onde tu estás”. Eu lembro-me que havia uns meninos pequeninos que estavam a assistir à peça e diziam “Eu, eu, eu”. Pensamos que o divórcio é uma coisa já tão comum... É verdade, mas a criança sentir-se reconhecida de alguma maneira... E aquilo acaba dizendo “Tudo isto pode ser e tudo é bom desde que se ouça a casa a respirar”. A casa respira quando sente as pessoas a ficar. Para mim, isto é educação sexual. Por exemplo, há um feijão que está na sua cama de algodão e não vale a pena estares a olhar para ele à espera que creça. O feijão cresce, tem tempo de crescer, há tempo de beijar diferente...

Maria Jesús Fernández: Estamos num mundo com a guerra, a pandemia, um mundo que nos interpela. Está interessada em recolher estes aspetos? Li uma entrevista em que defendia o compromisso ético da sua poesia. O presente convulso que estamos a viver e partilhar como espécie (crises migratórias, pandemia, guerras...), como está a questioná-la como poeta? Como recolhe o desassossego que está a produzir em todos nós?

Ana Luísa Amaral: A esse propósito, eu tenho dois poemas, um chama-se “Imagens de guerra” e outro “Anúnciação”, título que, aparentemente, não tem nada a ver com guerra. Foram ambos escritos, curiosamente, aquando da guerra da antiga Jugoslávia e acho que têm muito a ver com esta guerra a que agora estamos a assistir. E depois o poema dos refugiados, que é outro tipo de guerra, naturalmente, “Prece no Mediterrâneo”. Nós temos sorte, quer Espanha, quer Portugal, não estão numa situação como a Ucrânia, como a Síria, por exemplo. E devemos ter sempre presente que ninguém pede para nascer onde nasceu, nós não escolhemos onde nascemos e, por isso, é tão fundamental pensarmos que eu não sou nada sem o outro e o outro não é nada sem mim, nós precisamos uns dos outros. A guerra, o que faz, a meu ver, é colocar do avesso tudo aquilo que são os pequenos gestos do dia-a-dia, as refeições, o ir ao mercado, o ir à escola..., tudo isto fica completamente despedaçado. Da mesma forma que nós não

escolhemos onde nascemos, da mesma maneira também, de repente, no nosso país, nós podemos ter uma guerra e Espanha teve uma terrível Guerra Civil, de que ninguém estava à espera. Acho que é fundamental a memória. Se a arte tem alguma função, uma função é preservar a memória e a poesia pode fazer isso, preservar a memória e depois, do ponto de vista da cidadania, é falar com as crianças, é explicar, é, inclusivamente, aproximar gerações. Era levar para a escola, por exemplo aí em Espanha, levar para a escola pessoas que tivessem passado pela Guerra Civil e pô-las a falar com as crianças. As crianças são o futuro... sensibilizá-las para isto, porque as guerras são feitas por nós, como nós que as fazemos. Podemos dizer que não concordamos. Pois então temos que resistir a isso. A pandemia, infelizmente, foi algo que estava fora do nosso controle. Mas não é verdade que esteja tão fora assim. Porque ela tem que ver com a forma como nós temos vindo a lidar com o nosso planeta. Agora apareceu em Portugal, ontem vinha uma notícia no *Público*, a varíola dos macacos, é uma coisa nova, é mortal, cinco pessoas já morreram. Foi alguém que a trouxe do Quênia e agora está a espalhar-se. Isto tem a ver com aquilo que temos feito ao ambiente. Isto produz desassossego, mas esse desassossego é acompanhado pelo desassossego que a poesia e que a arte produzem em nós. Se for possível, através da poesia e através da arte, sensibilizar as pessoas e lembrar-lhes uma coisa fundamental que é a nossa comum fragilidade. Nós somos todos muito frágeis e todos morremos e todos temos doenças, todos sofremos, ninguém é imortal e isto é muito importante. Portanto, tenho de ter cuidado. Neste mesmo livro, *Como tu*, há um momento em que se lê “E é então que o cuidado se torna outro cuidado / e é então que cuidar quer dizer proteger, guardar, unir”. Acho que cuidar é isto: proteger o outro, guardá-lo, e unir. Acredito que a arte tem esta capacidade.

Maria Jesús Fernández: Para concluir, os organizadores da *Limite* querem agradecer a sua disponibilidade para, tão amavelmente, responder às nossas perguntas. Esperamos que esta presença na Revista contribua para a divulgação da poesia de Ana Luísa Amaral e a leve ao encontro de novos leitores.